

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A PESQUISA COMO PRINCÍPIO CIENTÍFICO E EDUCATIVO: NA EJA DE FLORIANÓPOLIS

Eliane Melara

Rachel Pantalena Leal

Boletim Gaúcho de Geografia, 39: 85-104, jul., 2012.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37315/24097>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jul., 2012.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A PESQUISA COMO PRINCÍPIO CIENTÍFICO E EDUCATIVO: NA EJA DE FLORIANÓPOLIS

ELIANE MELARA¹

RACHEL PANTALENA LEAL²

RESUMO

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Florianópolis temos a pesquisa como princípio educativo, a qual parte de um questionamento reconstrutivo, vinculado aos interesses e experiências dos educandos. Nesta perspectiva, o objetivo desse artigo é enfatizar a importância da pesquisa como proposta pedagógica na modalidade de ensino EJA, bem como caracterizar a EJA de Florianópolis, destacando suas particularidades. Para construção deste texto fizemos uso de leituras sobre o histórico da EJA no Brasil e em Florianópolis; suas características e, buscamos bibliografias que abordam a pesquisa como princípio educativo; com destaque para os autores Pedro Demo e Paulo Freire, além de contar com nossas próprias experiências como professoras da EJA. A partir de 2001 a EJA de Florianópolis adotou a pesquisa como princípio educativo, caracterizando-se pela não seriação e pela interdisciplinaridade. Os alunos são pesquisadores e os professores trabalham como orientadores. Buscamos com as pesquisas desenvolver nos educandos a habilidade da escrita e leitura, a capacidade de analisar, criticar, propor e contrapor, a fim de que se torne um cidadão que participe da sociedade de forma ativa, criativa e crítica.

Palavras-chave: EJA. Pesquisa. Sujeitos de EJA.

RESEARCH AS SCIENTIFIC AND EDUCATIONAL PRINCIPLE AT THE YOUTH AND ADULT EDUCATION (YAE) IN FLORIANÓPOLIS

ABSTRACT

At the Youth and Adult Education (YAE) in Florianópolis, research functions as an educational guiding principle that originates from a constructive enquiry essentially attached to students' interests and experiences. From this

1 Professora de EJA, Mestre em Geografia - UFRGS e Doutoranda em Geografia - UFRJ. geocalcitapiti@yahoo.com.br

2 Professora de EJA, Graduada em Letras - UFSC e Pós-graduanda em EJA - UFSC. elhcar@yahoo.com.br

perspective, the objective of this article is to emphasize the importance of research as a pedagogical proposal at the YAE system, and also characterize Florianópolis' YAE, highlighting its particularities. For the construction of this text, we have used readings about YAE's history and characteristics in Brazil and in Florianópolis, we searched for bibliographies that would approach research as an educational principle, notably the authors Pedro Demo and Paulo Freire, and we also counted on our own experiences as YAE's teachers. Starting in 2001, Florianópolis' YAE has adopted research as an educational guiding principle, characterized by a non-grading system and interdisciplinary methods. At YAE Florianópolis, students are considered to be researchers, and teachers, advisors. With these research projects, we try to develop students' reading and writing skills, their abilities to analyze, criticize, propose and challenge, so that, as citizens, they are able to participate actively, creatively and critically in society.

Keywords: YAE. Research. YAE subjects.

PARA COMEÇAR

Para começar devemos salientar que este texto caracteriza-se com um relato de experiência realizado na EJA da Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC. Na EJA de Florianópolis ensinamos através da pesquisa, metodologia que por não ser usual nas escolas brasileiras, assusta na sua condição de novidade, mas, a cada ano nessa experiência, percebemos ser um trabalho cada vez mais prazeroso e de resultados positivos.

O objetivo desse trabalho é divulgar o funcionamento da EJA de Florianópolis que apresenta a pesquisa como princípio científico e educativo, fator importante como proposta pedagógica para os sujeitos ali inseridos. Assim, discutir-se-á neste artigo como esta proposta pode significar avanços e possibilidades de aprendizagem para os sujeitos que compõem a EJA, que, por algum motivo, precisaram parar de estudar e, agora, retornam à escola.

Para redigir esse artigo realizamos leituras sobre a EJA (histórico e caracterizações), focamos também leituras direcionadas a proposta pedagógica baseada na pesquisa, contando, especialmente, com as colocações do professor Pedro Demo e Paulo Freire. Além disso, fizemos uso das nossas próprias experiências como professoras de EJA.

CONTEXTUALIZANDO A EJA-FLORIANÓPOLIS: UMA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA.

De acordo com Gadotti (2001), no Brasil, nos anos 50 duas tendências tinham maior significado na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Uma delas

defendida por Paulo Freire, caracterizada com uma educação libertadora. A outra tendência tinha uma abordagem de educação funcional e de suplência, que serviu como base, entre as décadas de 60 e 70, para o MOBRL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Porém, somente com a LDB (1996) a educação de jovens e adultos será reconhecida como uma modalidade regular, perdendo seu caráter de suplência, ao menos nos termos da lei.

Vemos no Brasil a importância de existir essa modalidade de ensino, pois cerca de 16 milhões de pessoas não sabem ler nem escrever um bilhete simples. Segundo Censo de 2003, as matrículas destinadas a essa modalidade de ensino está aumentando, no entanto a evasão ainda é muito alta, pois menos de 30% dos matriculados concluem o curso. (MACIEL, 2005).

Sobre o processo de construção da EJA em Florianópolis, ainda na década de setenta, a educação de jovens e adultos seguia aquele modelo nacional estabelecido pelo MOBRL, prevalecendo nos anos subsequentes a ideia de suplência do ensino fundamental. Somente em 2000, começou-se a debater com mais profundidade a construção das políticas de EJA. Em 2001, a EJA de Florianópolis sofreu uma reestruturação, tanto na organização do curso como na proposta política pedagógica (TORNQUIST, 2009). Estas mudanças visavam preparar a escola para receber e atender com maior sucesso educandos que possuem uma diversidade acentuada como característica constitutiva, e que, por isso, a estrutura tradicional escolar rígida a eles não foi eficaz. Desde 2001 a EJA de Florianópolis apresenta uma proposta tendo a pesquisa como princípio pedagógico.

Na EJA de Florianópolis, o curso é oferecido em 2 segmentos. O I equivale à alfabetização e às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, e o II segmento, às quatro últimas séries. Geralmente abre-se um núcleo quando, o mesmo atingir uma média de 100 alunos matriculados, sendo que o número de núcleos varia muito de um ano para o outro e sua localização também, fato esse que depende da demanda e dos recursos que a prefeitura se sujeita a disponibilizar.

Para composição de cada núcleo de EJA é preciso dos seguintes profissionais: Coordenador (40h), dois auxiliares (20h), sete professores para o II segmento (Professores de Português, Espanhol ou Inglês, Geografia, História, Matemática, Ciências, Artes Cênicas ou Plásticas) e um professor de séries iniciais para o I segmento. (CADERNO DO PROFESSOR, 2008). Ressalta-se que no ano de 2012 o professor de Educação de Física irá compor de maneira inédita o quadro de professores.

A carga horária mínima anual do curso por Segmento era de 800 horas-aula efetivamente trabalhadas, podendo ser um mínimo de 75% em caráter presencial – 600 horas e um máximo de 25% em caráter não-presencial – 200 horas. Porém, a resolução CNE/CEB nº 3 de 15 de julho de 2010 alterou a carga horária na modalidade EJA para 1600 horas. Diante disso, algumas mudanças serão pensadas no processo de avaliação dos alunos e nas atividades propostas ao curso.

De acordo com o Caderno do Professor (2008, p. 11) redigido por muitos profissionais que ajudaram a criar a EJA como está estruturada hoje, os princípios e objetivos da EJA de Florianópolis são:

A Educação de Jovens e Adultos da rede municipal de ensino de Florianópolis tem como objetivo geral mediar ações educativas, reunindo cidadãos em contínua transformação, em um ambiente de respeito e fraternidade, em prol da construção coletiva de um mundo justo para todos. O trabalho tem como princípios educativos a relação interpeçoal, o aprender, o diálogo, o respeito, a solidariedade, a pesquisa, a autonomia, a responsabilidade, o compromisso social, a socialização do conhecimento, a politicidade, a dialética, a complexidade, as singularidades, as multiplicidades, o paradoxal, a sustentabilidade do planeta e a não fragmentação do conhecimento. Realiza-se diariamente ações para aperfeiçoar o ler, o escrever, o ouvir, o falar, o debater e o fazer trabalhos em função dos objetivos planejados.

Antes de abordar a importância da pesquisa como princípio educativos e científico, é preciso caracterizar ao menos brevemente quem são os sujeitos que estão inseridos nessa proposta e as relações estabelecidas entre esses sujeitos.

De maneira geral, os educandos são jovens e adultos pertencentes às classes populares que não tiveram a oportunidade de concluir o ensino fundamental em idade considerada regular, pessoas que passaram e passam por problemas de exclusão social, econômica, cultural e escolar.

Conforme Tornquist, et al (2009) os alunos de EJA precisam trabalhar e não raras às vezes precisam interromper seus estudos. A EJA de Florianópolis facilita neste aspecto, pois o aluno pode começar a estudar em qualquer dia do ano, e se for necessário parar os estudos, é possível recomeçar depois, as horas continuam contabilizando e as pesquisas também. Berger, (2009) na sua dissertação de mestrado, informa que os que trabalham, realizam suas atividades profissionais principalmente em trabalhos relacionadas à construção civil, ao comércio ou à prestação de serviços.

Como trabalhamos com pesquisas, nos tornamos orientadores dos alunos, e assim estabelecemos vínculos mais próximos com os mesmos, a ponto de extrapolar os assuntos escolares para assuntos do cotidiano desses educandos. Isso é muito interessante, pois os alunos tanto jovens quanto adultos nos falam de suas angústias, seus problemas, suas necessidades, alegrias, conquistas e assim, podemos estabelecer uma relação de reciprocidade, verdadeiramente dialógica, e desse modo, podemos conhecer melhor os alunos para pensar melhores alternativas para seu aprendizado e lidar melhor com as diversas situações que acontecem ao longo do ano letivo. Demo concorda neste ponto:

Supõe que o professor se interesse por cada aluno, busque conhecer suas motivações e seus contextos culturais, estabeleça com ele um re-

lacionamento de confiança mútua tranqüila, sem decair em abusos e democratismos. Trata-se sempre de aprender junto, instituindo o ambiente de uma obra comum, participativa. A experiência do aluno será sempre valorizada, inclusive a relação natural hermenêutica de conhecer a partir do conhecido. O que se aprende na escola deve aparecer na vida (DEMO, p. 17).

Também são sujeitos de EJA os professores que trabalham nessa modalidade. Docentes em sua maioria migrantes e contratados temporariamente; não há até o momento concursos para efetivação de professores na EJA de Florianópolis, observa-se, deste forma, certo descaso da prefeitura com essa modalidade de ensino, sendo tratada de forma inferior, se comparado as outras modalidades. Tal situação prejudica o bom funcionamento e eficácia da EJA de Florianópolis, uma vez que precariza as condições de trabalho do educador e consequentemente as condições de aprendizado do educando.

Para o segundo segmento são contratados 8 professores de área com carga horária de 30h semanais, sendo que 10h são destinadas aos planejamentos coletivos e formações (todas as terças-feiras e quintas-feiras às tardes) e 20h ao trabalho efetivo com alunos (período noturno). É importante frisar que os planejamentos e as formações são realizados de forma coletiva, buscando uma maior aproximação entre os professores de área e uma discussão mais aprofundada sobre a organização das aulas. Desta maneira, efetivando uma proposta verdadeiramente interdisciplinar que constituirá aprendizados mais significativos para os alunos, já que os conhecimentos não são apreendidos de forma separada, dialogam e se completam entre si.

Para o I segmento temos um professor de séries iniciais, e geralmente temos um ou dois auxiliares de ensino contratados com 20h semanais, os quais realizam atividades como: matrículas, empréstimos de livros, servem o lanche, trabalham com os dados dos alunos frequentes, etc. Há também um professor para ser o coordenador do núcleo, com carga horária de 40h, os quais, geralmente são professores efetivos na prefeitura e mantêm uma relação próxima com a comunidade que o núcleo de EJA pertence. Devem zelar para o bom funcionamento das atividades; resolvendo burocracias, participando e coordenando as reuniões de planejamento, sendo este o responsável pelo contato com a secretaria, etc.

Cabe ressaltar que a constante troca de professores todo ano, dificulta o processo de ensino-aprendizagem, já que ano-a-ano é preciso novos vínculos professor-alunos-escola, novas formações (que acabam por se repetir em termos temáticos) e novas adaptações ao sistema de trabalho, pois a pesquisa difere muito do que os professores estão acostumados a trabalhar. Tornquist, et al (2009) afirma que o fato do Programa EJA não contar com um quadro de professores permanentes é revelador o lugar subalterno da educação de jovens e adultos e, por consequência, dos grupos populares em relação as políticas educacionais.

Como já frisado neste artigo, a EJA de Florianópolis se caracteriza pela não seriação e pela interdisciplinaridade. Assim, cada professor de área contribui com a pesquisa de acordo com seus conhecimentos. Existem muitas problemáticas que necessitam da presença mais frequente de determinados professores de área, como por exemplo, podemos observar a seguinte problemática: “Por que ocorrem as mudanças climáticas?”; os professores de Ciências e Geografia estiveram mais presentes na construção deste trabalho, porém todos os professores procuram contribuir no processo de construção da pesquisa, a partir de sua área de conhecimento. Salienta-se que muitas vezes, com as orientações dos professores, as pesquisas extrapolam as áreas de conhecimento convencionalmente obrigatórias ao Ensino Fundamental, assim em uma pesquisa como no exemplo citado questões vinculadas à física, sociologia e até filosofia são trabalhadas.

É praticamente impossível orientar e acompanhar todas as pesquisas do começo ao fim, por isso, em certo momento, de acordo com a organização do núcleo, cada professor fica responsável por encaminhar os detalhes finais de algumas pesquisas. O grupo de professores precisa dar conta também das diferenças no tempo da pesquisa, pois quase todo mês uma nova pesquisa pode estar iniciando, outras podem estar na metade e outras finalizando. Sem falar no tempo de aprendizagem dos alunos que é bastante diferenciado, e que deve ser considerado.

No capítulo seguinte vamos aprofundar teoricamente sobre a pesquisa como princípio educativo e como ela funciona na EJA de Florianópolis.

ENSINANDO ATRAVÉS DA PESQUISA

Como acabamos de ler, os sujeitos educandos da EJA são caracterizados por uma imensa diversidade no que se refere às experiências de vida, idades, motivos pelos quais deixaram a escola, níveis de aprendizagem. Assim, a pesquisa entra como uma proposta pedagógica que possibilita dar conta desta diversidade, superando o fracasso escolar, considerando os interesses e vivências dos alunos e formando, não raras às vezes, sujeitos criativos e críticos. Ressalta-se ainda que a proposta revigora a ação docente, uma vez que os planejamentos coletivos junto a todas as áreas, bem como o trabalho de orientação da pesquisa problematizam e potencializam a prática pedagógica, onde o conhecimento se construirá junto aos educandos e também na parceria entre os colegas professores.

Baseada nas ideias de Paulo Freire e Pedro Demo, especialmente, a pesquisa na EJA de Florianópolis parte de um tema gerador que da origem a um questionamento/problemática, ou seja, parte fundamentalmente de um interesse individual do educando ou do grupo que realizará a pesquisa, o que na maioria das vezes reflete em assuntos diretamente relacionado ao seu cotidiano.

Maciel (2005) fez um resgate histórico sobre os estudos relacionados a pesquisas, destacando-se os trabalhos de Pedro Demo (1993; 1994; 1995; 1998; 1999); que propôs a pesquisa como princípio científico e educativo. Assim, neste artigo vamos focar a leitura sobre Demo e Freire, não desconsiderando os outros autores, estudiosos desse tema.

Demo (1999) defende que a pesquisa é importante desde as pré-escolas até o ensino universitário, pois o princípio é o mesmo, embora os resultados sejam diferentes. Defende a pesquisa como princípio científico e educativo; princípio científico, porque a pesquisa apresenta-se como estruturação teórico-metodológica para construir conhecimento; e princípio educativo, pois constitui um dos fatores essenciais da educação emancipatória, o questionamento crítico e criativo.

A pesquisa parte de um questionamento reconstrutivo (DEMO, 2005), pois quando estamos pesquisamos uma temática, um texto, é um conhecimento já acumulado pela humanidade que precisamos reconstruir. É importante que o aluno tenha interesse pelo assunto que está pesquisando, partindo de um questionamento, problema ou problemática.

O professor e aluno devem trabalhar juntos no processo de pesquisa. Diante desta perspectiva, podemos avaliar o professor como pesquisador, que se depara com alguns desafios. Segundo o autor, é preciso que o professor construa um projeto político pedagógico próprio, considerando a pesquisa como princípio educativo, a importância da união entre a prática e a teoria, a participação do coletivo e representação dos interesses de toda comunidade escolar.

Outro ponto importante, está relacionado a reconstrução de textos científicos próprios, fazendo uso do conhecimento acumulado pela humanidade, mas escrevendo seu próprio texto para trabalhar com os alunos. Desse modo, os alunos terão um exemplo de professor que escreve, e também se sentirão aptos a reconstruir textos próprios. O professor deve fazer ou refazer seu material didático; o uso de material didático oferecidos nas escolas devem ser apenas um incentivo para provocar a criatividade para reconstrução do próprio material didático. Somando-se a isso, o professor deve inovar na prática didática, estar atualizado em relação aos meios eletrônicos e estar sempre se aperfeiçoando através de cursos formativos. (DEMO, 2005).

A pesquisa na EJA de Florianópolis leva em consideração o tema gerador seguido de um questionamento que parte do interesse e do conhecimento dos alunos. Assim, de acordo com Freire (1987) o professor é o educador-educando, dialógico, problematizador, onde o conteúdo programático da educação não é uma imposição e sim um processo de construção, partindo da vivência dos alunos e dos seus interesses. Segundo o autor não devemos apenas dissertar nas aulas sobre conteúdos que pouco se fazem presentes diante dos anseios, dúvidas, esperanças, temores do educando, é preciso dialogar com os alunos, confrontando as diferentes visões de mundo. Freire (1987, p.87) afirma que:

[...] a investigação do tema gerador, que se encontra contido no “universo temático mínimo” (os temas geradores em interação), se realizada por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo.

Seguindo esta análise, SOUTO (2009, p.42) acrescenta:

A base para o funcionamento do ensino via pesquisa é o *interesse* das pessoas que participam do processo educativo, produzindo-se, desse modo um máximo de motivação para o aprendizado. Assim, o currículo é construído na mediação com os sujeitos envolvidos e seus saberes, com a prática docente dos/as professores/as e de todos os profissionais que atuam no curso. Essa concepção de ensino, além de romper com a fragmentação do conhecimento organizado nos currículos em disciplinas escolares, potencializa os conhecimentos adquiridos e utilizados pelos/as estudantes ao longo de sua vida [...].

Na EJA de Florianópolis, já na matrícula o aluno é orientado sobre a organização e a metodologia do curso. Nas primeiras semanas, geralmente, são realizadas algumas atividades de integração, porém muitos alunos vão chegando e outros vão desistindo ao longo do ano letivo, desse modo nem todos acompanham todas as etapas pensadas pela organização do núcleo. Os alunos deveriam fazer 2 ou 3 pesquisas em grupo e 1 individual para poder se certificar. Esses números podem variar conforme a demanda do núcleo. Com a instituição das 1600 horas, o número de pesquisas para certificação poderá sofrer alterações.

Demo (2005) afirma que o professor tem a função de coordenador da pesquisa, de organizar e orientar os alunos. Também, quando o grupo se encontra desmotivado, sem ideias, sem entender a pesquisa, ou como devem buscar materiais, etc; o professor precisa interferir, multiplicando para o aluno possibilidades de ideias, de pesquisar informações, mostrando-se criativo faz com que o aluno também seja. Na EJA de Florianópolis os professores têm essa função, de coordenar, orientar as pesquisas, interferindo quando necessário.

A pesquisa em grupo se faz importante, mesmo que apareçam alguns percalços. Sobre isso, Demo (2005, p. 17) coloca que:

Será o caso de estimular o estilo de trabalho em equipe, com o objetivo de aprimorar a participação conjunta, cuidando entretanto, da evolução individual e da produtividade dos trabalhos. A competência expressa-se tanto no horizonte da individualidade, na condição de sujeito concreto histórico, quanto na conjugação de esforços, já que a cidadania organizada é, como regra, mais competente que a solitária.

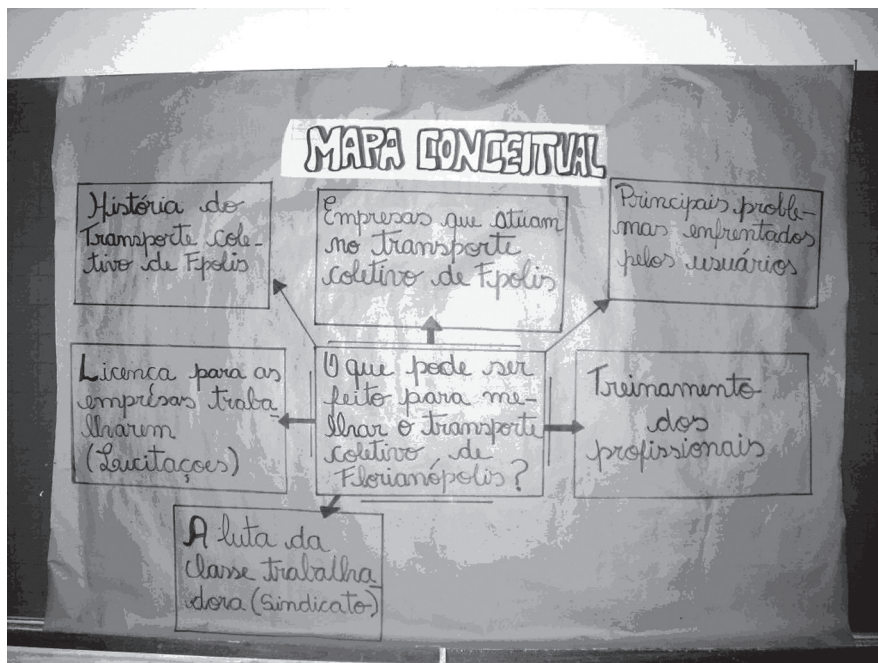
Desse modo, o grupo, geralmente composto de 3 alunos deve chegar a um acordo, optando por um tema, sendo necessário transformar esse tema num questionamento/problemática. Existe uma diversidade de problemáticas que os alunos trazem para ser pesquisadas, vamos dar alguns exemplos. *“Por que as pessoas se apaixonam?; Por que as pessoas maltratam os animais?; O que são doenças sexualmente transmissíveis?; Como é feito o vidro?; Por que ocorrem tantos terremotos no Japão? Como são produzidos os jogos eletrônicos? Quem foi Machado de Assis? O que é Aids?”*. São problemáticas que partem do interesse e vivências dos alunos e o professor tem a função de mediar essa escolha.

Após a escolha da problemática, segue-se uma sequência didática baseada no processo de pesquisa. Desta forma, os educandos fazem uma justificativa para a problemática, elaboram seus saberes prévios sobre o problema, posteriormente constroem as hipóteses da pesquisa e criam um mapa conceitual. Na justificativa é necessário cada integrante escrever o que, por que e para que quer desenvolver essa pesquisa, nos saberes prévios os alunos escrevem sobre os conhecimentos que já possuem sobre a problemática que será pesquisada, sem fazer nenhuma pesquisa anteriormente. É preciso também criar no mínimo 3 hipóteses sobre os possíveis resultados que serão encontrados na pesquisa, e ao final da mesma, essas podem ser comprovadas ou negadas. Esta parte da pesquisa funciona como uma introdução.

O mapa conceitual é a parte mais importante do trabalho, pois é nessa etapa da pesquisa que são criados todos os subtítulos ou subperguntas que serão desenvolvidas para dar conta da problemática criada. Primeiramente os alunos tentam construir o seu mapa conceitual, pensando o que querem aprender ou descobrir com a problemática escolhida, posteriormente os professores de área podem auxiliar e mediar a construção do mapa. É importante colocar que muitas vezes o mapa conceitual de cada grupo pode ser discutido com todos os colegas de sala; assim o mapa é colocado no quadro e todos podem apontar possíveis caminhos que a pesquisa pode seguir. Além disso, nas reuniões realizadas durante a tarde, os professores revisam o mapa, e colocam suas sugestões, com o intuito de melhorar e fazer com que o mapa abarque todas as áreas do conhecimento. Veja as Figuras 01 e 02, são exemplos de mapa conceitual:

Figura 1

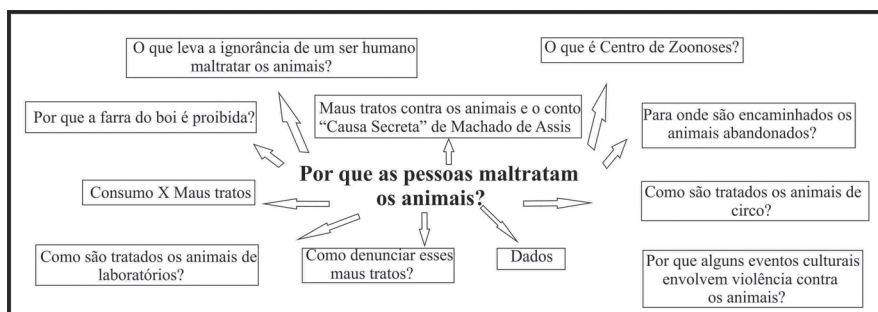
Mapa conceitual de um grupo pertencente ao núcleo de Canasvieiras no ano de 2009 (apresentação em forma de cartaz)



Fonte: Foto das autoras.

Figura 2

Mapa conceitual de um grupo pertencente ao núcleo de Canasvieiras no ano de 2011 (apresentação em power point)



Fonte: Alunos do núcleo de Canasvieiras (2011).

Como serão feitas mais que uma pesquisa, é conveniente que os componentes dos grupos se revezem, para evitar grupos fechados e “incentivar a permuta colaborativa com todos” (DEMO, 2005, p. 21).

Nesse caso, muitas vezes a problemática agrada um dos integrantes, mas pode não agradar tanto ao outro, porém é preciso chegar a uma única problemática num grupo de 3 alunos. Desse modo, os alunos aprendem a trabalhar em grupo, argumentar suas opiniões ou aprendem a ceder. Na dissertação de Berger (2009, p.36), que foca os sujeitos da EJA, tiramos uma fala de uma das alunas sobre o dilema de escolha da problemática e do trabalho em grupo. Percebemos que na primeira pesquisa a problemática foi escolhida de acordo com a vontade dela, mas a segunda foi preciso ceder.

Eu gostei mais da primeira pesquisa, nós entramos por estas dunas adentro e fomos entrevistar as pessoas que moram lá na favela. Agora esta segunda pesquisa, eu não sei, não estou gostando muito [...]Prá começar, eu nem queria muito este assunto. Só concordei para dar uma força para o meu amigo... que tem muita vontade de vir a seguir carreira nesta área. (Dona Luiza- nomes fictícios).

Depois de definido o mapa conceitual, inicia-se o processo de procura de materiais em livros, na *Internet*, revistas, jornais, livros didáticos, entrevistas, entre outras fontes, sempre com a orientação dos professores, que contribuem na pesquisa conforme seus conhecimentos científicos em suas áreas de conhecimento ou conforme suas vivências. É necessário que o aluno se habitue a ter iniciativa para procurar materiais e informações para a pesquisa, superando a ideia de receber os materiais prontos. (DEMO, 2005).

Demo (2005) afirma que, após a busca de materiais, é preciso interpretar e analisar as informações. O aluno deve ler o material, interpretar, analisar, reescrever com linguagem própria e questionar criticamente o que leu e o que escreveu.

O autor coloca alguns elementos chaves para que o aluno alcance estes objetivos mencionados; elementos esses considerados importantes na EJA de Florianópolis. Primeiro a escola deve apresentar-se como um elemento positivo na vida do aluno; desenvolvendo habilidades e autoestima dos mesmos e evitando o fracasso escolar. Segundo, é preciso uma integração entre o trabalho individual e coletivo, pois com as pesquisas existem momentos que o trabalho é mais individualizado, porém muitas vezes, a pesquisa desenvolve-se de forma coletiva entre alunos e professores, juntos devem buscar reconstruir o conhecimento. Terceiro, para fazer pesquisa é necessário que haja material para pesquisar, fontes de informação, isto é, bibliotecas bem equipadas, uso da sala informatizada, dos equipamentos eletrônicos. Quarto, é preciso que o aluno desenvolva interpretações próprias, através da habilidade de ler, escrever, resumir, analisar e concluir.

Além disso, é necessário desenvolver com os alunos algumas estratégias didáticas a fim de que ele desenvolva o interesse pela pesquisa, fazendo

uso de recursos lúdicos, como vídeos, dinâmicas, saídas pedagógicas; desenvolvimento do hábito de leitura de forma sistemática; saber resumir; saber usar os meios eletrônicos e a Internet.

Outro ponto que deve ser pensado é o currículo; segundo Demo (2005) este deve apresentar uma proposta flexível; preferir aprofundamento de um tema, ao invés de várias matérias; aprender a reconstruir ao invés de copiar; pensar nas dificuldades específicas dos alunos e combater a exclusão escolar. Não podemos esquecer também da avaliação, que deve seguir formas alternativas de avaliar, não sendo as provas o único meio para este fim.

Segundo o autor, estudar através da pesquisa requer uma capacidade de saber pensar, aprender a aprender, saber avaliar-se e avaliar. É importante que o aluno forme uma competência autônoma, criativa e crítica. A pesquisa indica a necessidade da educação ser questionadora, do indivíduo saber pensar, de fazer propostas próprias e não copiada, reproduzida, na sombra dos outros.

Diante do exposto, pensamos o seguinte: como o aluno irá aprender senão tem aulas de disciplinas específicas? Sobre esse questionamento que muito se comenta quando falamos sobre a proposta utilizada na EJA de Florianópolis, Demo (2005, p. 34-35) tem a seguinte opinião:

Preferir o aprofundamento por temas à exposição horizontal superficial, quer dizer, em vez de dar uma olhada ligeira em 50 pedaços curriculares através de aulas que apenas reproduzem conteúdos, é melhor trabalhar bem alguns temas. Aprender a reconstruir em vez de copiar.

Numa entrevista Demo (2011, s/p) acrescenta que:

Eu acho qualidade formal muito importante. Não estou dizendo com isso que ela é secundária, muito pelo contrário. As crianças precisam saber matemática, ciências, português, mas ainda mais importante é saber o que fazer com isso na vida, como interferir na sociedade, como mudar os seus rumos, como superar a condição de massa de manobra, como tomar o seu destino na mão, como fazer uma proposta. Isso é muito importante. Aí está o papel fundamental da educação e do professor que sabe provocar essa reação na criança, uma reação de sujeito, não de objeto.

Na EJA de Florianópolis são diversas as problemáticas trabalhadas pelos grupos, isto é, vários temas, sendo que, para finalizar a pesquisa o grupo precisa apresentá-la para o núcleo e os professores devem mediar a apresentação, através da inserção de discussões. Temos apresentações muito criativas, através de cartazes, *power point*, teatros, vídeos e etc. No geral todos os alunos devem assistir as apresentações; assim, podem aprender com a sua pesquisa e com as pesquisas dos colegas. Salienta-se que é também objetivo das apresentações o desenvolvimento da oralidade, afinal à escola cabe en-

sinar o aluno a adequar o uso da fala em situações comunicativas diversas, principalmente nas mais formais.

Além das pesquisas, conforme a sistematização do núcleo, são realizadas oficinas/aula dirigidas, que podem focar diversos assuntos. Podem representar conteúdos/conceitos necessários para o bom desenvolvimento das pesquisas, assuntos indispensáveis que os alunos utilizarão como base para outros trabalhos, temas emergentes na atualidade, assuntos que os alunos demonstram interesse, etc. As oficinas podem ser ministradas pelo professor de área, como por exemplo, o professor de Geografia pode trabalhar um assunto específico de sua matéria. No entanto, as aulas estão na maioria das vezes vinculadas às pesquisas e tendem a ser interdisciplinares. Na Figura 03 podemos ver fotos com algumas apresentações de pesquisas, fotos de oficinas e de pesquisa na internet.

Figura 3
Imagens representando atividades de pesquisa, apresentações e oficinas (núcleo de Canasvieiras – 2011)



Fonte: Fotos das autoras.

Também faz parte da metodologia da EJA atividades diferenciadas na escola, como exibição de filmes, apresentação teatrais, jogos de quadra e de

mesa, confraternizações; além de saídas pedagógicas, como: visita a museus, apreciação de peças teatrais, trilhas, ida a cinemas, entre outras atividades. Pois consideramos que existem muitas formas de aprender, não só através da linguagem escrita, mas também através de imagens, socializações e conhecimentos que ultrapassam os muros da escola. As fotos da Figura 04 mostram algumas atividades descritas acima.

De acordo com Demo (2011, s/p) é muito importante o trabalho com imagens:

O mundo da informática, como o do cinema, está trazendo isso. Nós temos uma história do cinema com mais de cem anos. Mas a academia não aceita a imagem como argumento. E nós deveríamos nos abrir a isso. Quando o texto chegou na história da humanidade, ele também foi taxado de intruso, de coisa esquisita, e hoje ninguém mais acha estranho fazer um texto, um livro. Então nós não podemos estar fechados a essa nova perspectiva. Eu estou dizendo que é preciso saber pensar não só com texto. A nova geração possivelmente prefere pensar através de imagens. Isso ajudaria muito a escola, e o trajeto da formação em qualquer nível traria maior motivação e maior atualização.

Percebemos que saber usar o computador, a *Internet*, assistir a um vídeo, é de fato motivador para essa nova geração de EJA, que está cada vez mais jovem.

Figura 4
Imagens representando diversas atividades dentro e fora da escola
(núcleo de Canasvieiras e Ponta do Morro – 2010 e 2011)



Fonte: Fotos das autoras.

Assim, podemos concluir que educar através da pesquisa objetiva formar sujeitos que questionem sua realidade e busquem mudanças e alternativas. De acordo com Demo (2005, p. 8):

A pesquisa inclui sempre a percepção emancipatória do sujeito que buscar fazer e fazer-se oportunidade, à medida que começa e se reconstitui pelo questionamento sistemático da realidade, incluindo a prática como componente necessário da teoria, e vice-versa, englobando a ética dos fins e valores.

Ensinar através da pesquisa presume desenvolver as habilidades de ler e escrever, de resumir, interpretar e elaborar textos próprios; que o sujeito seja capaz de propor e contrapor argumentos, criar alternativas. O autor acrescenta ainda que a pesquisa busca o conhecimento a fim de fazer pensar, e desta forma, resulta numa educação emancipatória. Assim a educação e a pesquisa são contra a cópia, a manipulação, a ignorância; pois é necessário ultrapassar aquele ensino que visa o treinamento, domesticação, disciplina, etc. Elas buscam um sujeito questionador, que esteja sempre buscando inovar, ou seja, reconstruir o conhecimento; construir e reconstruir a sua própria história.

AVALIAÇÃO PELA PESQUISA; É POSSÍVEL?

De acordo com Demo (2005) é preciso reivindicar formas alternativas de avaliação. Para avaliar um aluno através da metodologia das pesquisas, precisamos observar se ele demonstra interesse pela pesquisa, tanto na busca de materiais como na formulação de textos, tem êxito nas formulações próprias, apresenta uma participação ativa tanto individual quanto em equipe. Como afirma o autor, a prova deve ser usada esporadicamente ou deve ser totalmente eliminada, pois é entendida como rito de devolução da cópia.

Assim, seguindo estas orientações, na EJA de Florianópolis temos formas alternativas e diversificadas de avaliar os alunos. Uma delas é através das pesquisas, pois na maioria das aulas, os alunos estão trabalhando com ela. Se o aluno não participou o suficiente da construção do trabalho e da apresentação, a pesquisa pode não ser validada para ele. Isto é, o aluno tem que participar da pesquisa, demonstrar interesse, saber resumir e analisar os textos.

Outro requisito para certificação são as Horas Presenciais (HP). Cada dia representa 4 horas; se o aluno realizou as atividades propostas, ele pode receber 4 horas, caso contrário as horas serão desconsideradas. Era preciso fechar 800 horas no máximo para se certificar, agora com a nova resolução são 1600 horas, podendo o aluno se certificar com menos horas de acordo com o desenvolvimento que obteve no curso, ou dependendo dos conhecimentos que já trouxe de suas experiências de vida.

Na EJA de Florianópolis os conhecimentos dos alunos são valorizados também através do uso dos Portifólios: reunião de trabalhos significativos que os alunos fazem fora da sala de aula, como por exemplo: textos próprios sobre sua vida ou sua rotina, resumos de livros ou filmes, críticas a notícias, desenhos, trabalhos artesanais, cursos, etc. Representam os conhecimentos que os alunos possuem ou adquirem além dos espaços escolares. Essas produções podem representar saberes que são agregados ao currículo desses alunos, ocasionando, por vezes, diminuição de seu tempo escolar. Os conteúdos destes portifólios são socializados no grande grupo conforme a disponibilidade do aluno, e a organização do trabalho do núcleo.

Outro instrumento de avaliação são os cadernos diário. Nesse caderno os educandos podem escrever o que for do seu interesse, como por exemplo, falar sobre a aula, sobre o seu dia, sobre problemas, alegrias etc. Às vezes os professores podem realizar atividades direcionadas objetivando que os alunos escrevam mais, com mais detalhes, e com melhor qualidade. A frequência semanal da escrita do diário depende de cada núcleo, e a hora da noite que é entregue aos alunos também, assim como o tempo destinado para escrever, pois depende da atividade proposta. O diário é instrumento necessário, visto que podemos conhecer mais sobre a vida do aluno, sua forma de pensar e seu progresso na escrita, tornando-se um meio de comunicação entre professores e alunos, já que os professores devem sempre responder os diários.

Conforme Demo (2005) a avaliação não pode ser um ato isolado, mas sim fazer parte de um processo. Através da pesquisa, a avaliação se dá no processo e também nos resultados. Na EJA de Florianópolis valorizamos o processo de construção das pesquisas, as horas que os alunos estão em aula se dedicando, seus conhecimentos de mundo, além do processo de desenvolvimento da leitura, da escrita e da formação opinativa e crítica dos educandos.

ALGUMAS PALAVRAS PARA FINALIZAR: NEM TUDO SÃO FLORES...

Como em qualquer sistema de ensino, existem algumas falhas/problemas. Na EJA de Florianópolis podemos citar alguns desses impasses. Como já dissemos anteriormente, a EJA é uma modalidade deixada em segundo plano pela prefeitura, e muitas vezes, enfrenta falta de recursos, ou a negação dos mesmos. É impossível fazer pesquisa sem ter onde pesquisar, por isso uma boa biblioteca e sala informatizada são imprescindíveis para esta atividade, porém, muitas vezes, são negados acessos a esses ambientes pela escola. E não raras vezes, é necessário mobilizar os alunos para que a coordenação geral da EJA exija dos diretores do “dia” liberem tais espaços.

Outro problema é que para abrir um núcleo são necessários 100 alunos matriculados; porém, em alguns núcleos é difícil alcançar estes números no início do ano, visto que muitos alunos ainda estão trabalhando na tempora-

da de verão, desta forma nem todos os núcleos abrem ao mesmo tempo, e existem núcleos que são formados por até 3 unidades em lugares diferentes, o que dificulta muito o deslocamento dos professores, além de prejudicar as pesquisas e as relações entre os professores, e entre alunos e professores. Assim, o esforço dos professores será ingrediente necessário para que o sentimento de “totalidade” do núcleo seja mantido.

Não existe merenda escolar, menos ainda cozinheiras, aos alunos são oferecidos lanches de empresas privadas que, por conta de burocracias, demoram a chegar, ou são, muitas vezes, de péssima qualidade. Na ausência destes, os alunos tem que comer algumas bolachas com café, e muitas vezes, até o café e o açúcar faltam. Tal situação é inaceitável, e se vincula diretamente a atrasos e ausências dos alunos, já que a maioria de nossos educandos são trabalhadores, saindo do trabalho direto para a escola. Ressalta que acesso e permanência são direitos assegurados aos alunos, entretanto esses direitos são desconsiderados pelo poder público. Para o ano de 2012, após intensa reivindicação dos profissionais da EJA e alunado, há a promessa de contratação de cozinheiras e janta ao invés de lanches simples.

Outra questão é a frequência dos alunos; embora tenhamos mais de 100 alunos matriculados por núcleo, a presença diária varia entre 40 e 70 alunos por noite, pois os educandos da EJA, geralmente, não têm uma frequência assídua, reiniciam os estudos muitas vezes no ano, o que certamente terá uma influência direta, prolongando a sua certificação. Pesquisas param e recomeçam o tempo todo. Mais uma vez a boa preparação do professor da EJA será essencial para compreender que esse sujeito da EJA é marcado por motivações sociais que o obrigam a colocar os estudos em segundo plano; ao mesmo tempo em que essa compreensão não é passiva, esse mesmo profissional deve buscar formas de deixar a escola atrativa para que esse aluno não desista, sobre esse aspecto a pesquisa é avaliada como possibilidade de incentivo à permanência.

Outro ponto complicado em relação às pesquisas é que nem sempre são considerados os interesses de todos os alunos, já que sempre prevalece o questionamento escolhido por um integrante do grupo, ou comumente constroem um grupo por afinidade pessoal, quando na verdade deveriam se agrupar por afinidades referentes à escolha do tema a ser pesquisado, além disso, muitos entram na pesquisa quando esta já iniciou.

De modo geral, podemos dizer que o público da EJA é muito heterogêneo, fato este muito interessante e necessário, no entanto, isso exige uma postura diferenciada por parte dos professores e dos alunos também, visto que, ao mesmo tempo, é preciso lidar com pessoas com níveis de letramento muito diferenciados, com diversas e riquíssimas experiências de vida, comportamentos e idades bastante diferenciados, pessoas em confronto com a lei (muitas vezes menor de idade), casos de desentendimentos que muitas vezes resultam em situações violentas, até com presença de armas na escola. Além

do tráfico e o uso de drogas na escola e redondezas que, muitas vezes, são incontroláveis. Nesses extremos, infelizmente a polícia é chamada, o que leva-nos a pensar que planos de segurança na EJA são também uma necessidade.

Como é um grupo muito heterogêneo, nem sempre todos os alunos conseguem atingir as expectativas do curso, com saber ler e escrever bem, resumir, interpretar e elaborar textos próprios. Muitos não alcançam a emancipação ou a autonomia desejada no início do curso. Cabendo ao professor o esforço redobrado para que essas situações se modifiquem, elaborando atividades diferenciadas, orientando a pesquisa de modo mais acentuado com esses alunos, dialogando com os mesmos para que sejam cientes de seus limites e possibilidades de superação.

E, por último, devemos dizer que, no próximo ano, nós, professores, poderemos não estar na EJA, apesar de ser uma de nossas paixões, já que a maioria dos docentes de EJA são contratados por apenas um ano. Precisamos enfrentar todos os anos processos seletivos para continuar nosso trabalho na EJA. Por isso, concursos para efetivação do quadro de professores de EJA é uma antiga reivindicação.

Assim, a despeito das dificuldades a serem superadas, a proposta pedagógica da EJA de Florianópolis baseia-se na **pesquisa**, a qual parte de um **tema gerador** que da origem a um **questionamento reconstrutivo/problemática**. Este questionamento é parte da vivência do aluno, do seu conhecimento e do seu interesse.

A EJA caracteriza-se, principalmente, pela não seriação e interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento. O processo de ensino-aprendizagem da EJA acontece para os alunos e para os professores, os quais estudam, analisam, concluem, discutem juntos os temas pesquisados. Além disso, esse sistema de ensino adotado em Florianópolis está de acordo com as reflexões contemporâneas acerca da Educação de Jovens e Adultos que colocam que, atualmente, a EJA deve pensar um espaço e tempo escolar condizentes ao sujeito jovem e adulto que a procura, sujeitos esses marcados por histórias de vidas que os afastaram da escola e por uma sociedade que os marginaliza; mas que mesmo assim têm direito a uma escolarização de qualidade que os ajude a viver melhor, ampliando suas visões de mundo.

REFERÊNCIAS

BEGER, D. G. **Trajetórias Territoriais dos Jovens da EJA**, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 28 jun 2010.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 3**, de 15 de julho de 2010. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica&catid=323:orgaos-vinculados > Acesso em: 14 fev 2012.

DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. 7 ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2005.

_____. **Pesquisa: Princípio Científico e Educativo**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **“A Criança é um Grande Pesquisador”**. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0035.asp>>. Acesso em: julho de 2011.

FLORIANÓPOLIS – CADERNO DO PROFESSOR. **Estrutura, funcionamento, fundamentação e prática na educação de jovens e adultos** – EJA 2008. Departamento de educação continuada da Secretaria municipal de educação de Florianópolis, 2008. Disponível em <http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/22_02_2010_9.36.57.04162e08d6cd8876612adc5ada375bd5.pdf> Acesso em: julho de 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. Educação de Jovens e Adultos: correntes e tendências. In: GADOTTI, M. & ROMÃO, J. E. (orgs). **Educação de Jovens e Adultos**. Teoria, prática e proposta. 3 ed. São Paulo: Cortez Editora: Instituto Paulo Freire, 2001.

MACIEL, V. de A. **Questões Teóricas sobre o Ensino pela Pesquisa**: Problematisações, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO/SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO. **Instrução Nº 032/2010 – SUED/SEED** – Assunto: Carga horária do curso do Ensino Fundamental – Fase II e idade para ingresso na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Disponível em < http://www.nre.seed.pr.gov.br/curitiba/arquivos/File/EJA/Instrucao_032_fase_II_CH_1600h-1.pdf >. Acesso em: julho de 2011.

SOUTO, R. B. A EJA na cidade de Florianópolis. In: SILVA. B. da (org.). **Histórias e trajetórias de jovens e adultos em busca de escolarização**. Florianópolis: Editora UDESC, 2009.

TORNQUIST, et al. Por que você não faz a EJA? Tempos, lugares e sujeitos de uma pesquisa. In: SILVA. B. da (org.). **Histórias e trajetórias de jovens e adultos em busca de escolarização**. Florianópolis: Editora UDESC, 2009.